

A criança e o discurso sobre o brinquedo na legitimação dos sentidos sobre masculino e feminino

Marina Coelho PEREIRA

Soraya Maria Romano PACÍFICO

Universidade de São Paulo - USP

mcoelhoperreira@gmail.com

smrpacifico@ffclrp.usp.br

Resumo

O objetivo do trabalho é investigar em que medida o discurso produzido sobre os brinquedos – e o brincar – atua na legitimação dos sentidos sobre os gêneros (masculino e feminino). Nossa pesquisa está ancorada na Análise do Discurso (AD), de matriz francesa, uma metodologia de análise discursiva que considera todo o contexto sócio-histórico-ideológico que cerca o discurso e sua produção, e oferece instrumentos para a contextualização sócio-histórica dos discursos. Pretendemos compreender o sujeito discursivo e a influência que o contexto e a ideologia exercem sobre ele. A realização desta pesquisa justifica-se partindo da hipótese de que, se os brinquedos podem favorecer as singularidades das crianças e ampliar suas experiências de socialização, da maneira como lhes são apresentados atualmente, eles apenas contribuem para a cristalização dos sentidos dominantes sobre os gêneros. Nas lojas de brinquedos, por exemplo, assim como nas propagandas voltadas para os pequenos, os sentidos sobre masculino e feminino ainda se sustentam nos sentidos tecidos desde tempos remotos, da mulher dona de casa e do homem provedor da família. Entendemos então, que os sujeitos são cerceados desde a infância, “treinados” desde cedo - tanto em casa quanto na escola - para atividades que exercerão em sua vida adulta futura.

Palavras-chave: brinquedos; gênero; sujeito discursivo; criança

1. Introdução e Justificativa

Os caminhos do discurso que contribuem direta ou indiretamente para a construção de sentidos sempre foram um tema de extremo interesse para mim. Inicialmente, devido à minha formação em Pedagogia, o que me chamou a atenção foi o fato de que a maioria de professores – tanto da Educação Infantil quanto das séries iniciais do ensino fundamental – é formada por mulheres. E essa realidade não era diferente em nenhum dos anos do curso de graduação em Pedagogia da USP – Ribeirão Preto. A maioria dos graduandos eram, e ainda são, mulheres.

Partindo dessa observação, que vem me acompanhando desde então, comecei a pensar sobre quais motivos fazem com que a profissão docente, em seus níveis de base, seja exercida quase que exclusivamente por mulheres. Mais ainda, quais fatores contribuem para que, ainda hoje, seja impensável para muitos homens, partir para essa profissão.

Ainda na graduação, meu trabalho de monografia abordou essa questão, investigando, em obras da literatura do início do século XIX até o século XX, quais os sentidos que vêm sendo construídos e reproduzidos sobre a mulher e qual vem sendo nosso espaço na sociedade. No decorrer do trabalho, percebemos que, em alguns aspectos, esses sentidos ainda não haviam se modificado e se mantêm ainda hoje.

Sabe-se que, a mulher, na conjuntura atual, tem livre acesso às mais diversas profissões, fazendo com que o mercado de trabalho seja-lhe um espaço de livre circulação e atuação. As mulheres, hoje, podem ocupar quaisquer posições de trabalho, com as quais antes, não poderiam nem sonhar (PACÍFICO, ROMÃO, 2006). Se antigamente a nós, mulheres, só era permitido sermos professoras, atualmente, é difícil encontrar uma profissão não permitida. Vemos, inclusive, na mídia, a mulher posta como ‘multi-funções’: ao mesmo tempo que ocupa seu lugar no mercado de trabalho, quando volta para casa, ocupa também suas funções relacionadas à casa e aos filhos. Cumpre, assim, dupla (ou tripla) jornada. Mais ainda, é preciso que seja bonita, pratique exercícios físicos e esteja sempre bem disposta. A mídia, seja no formato que for, tem o poder de determinar lugares e papéis aceitáveis, desejáveis e, até mesmo, ‘obrigatórios’ para o feminino.

E foi pensando nesses discursos e nas instituições em que eles ganham legitimidade, fazendo com que, ainda hoje, alguns “velhos” sentidos sobre o feminino sejam aceitos e repetidos que me deparei com movimento semelhante em relação aos brinquedos. Fiquei instigada com o fato de que, nas lojas de brinquedos, assim como nas propagandas voltadas para os pequenos, - e, frequentemente, nas escolas -, os sentidos sobre masculino e feminino ainda se sustentam nos sentidos tecidos desde tempos remotos da mulher dona de casa e do homem provedor da família.

Se, atualmente, é tão comum o discurso da pós-modernidade - ou da contemporaneidade - veiculado pela mídia sobre a mulher e o homem que tudo fazem, que trocam de papéis, questiono-me: quais os motivos que fazem com que, ainda hoje, frequentemente, sentidos engessados sobre feminino e masculino, não só no que se diz sobre os adultos, mas, principalmente em relação às crianças continuem circulando e, mais ainda, sendo reproduzidos? O que vemos hoje, nos mais diversos meios de comunicação é que tanto a mulher quanto o homem ocupam - ou deveriam ocupar - novos espaços, deslocando os sentidos que originalmente constituíam esses sujeitos. Vemos, por exemplo, em comerciais de TV, homens realizando tarefas domésticas, cuidando dos filhos, cozinhando, enquanto as mulheres trabalham fora de casa e conquistam cada vez mais seu espaço no mercado de trabalho. Professores, com certa frequência, não permitem que seus alunos brinquem com brinquedos que não são “adequados” ao seu gênero e proíbem bonecas para os meninos, por exemplo. Obviamente, não estamos falando, aqui, de sentidos dominantes no cenário atual, mas, é possível observar que vivemos o início de uma mudança no/sobre o discurso relativo a homens e mulheres. Então, por que quando observamos os brinquedos vemos que ainda não há mudança em relação a esse perfil tão cristalizado de masculino e feminino?

Se pensarmos que, historicamente, tanto o homem quanto a mulher vêm redescobrando seu papel, modificando as ideias sobre cada um e conquistando espaços antes impensáveis, tanto para um quanto para outro, notamos que, nas lojas de brinquedos o que acontece é diferente: há apenas a manutenção de sentidos conservadores. Os brinquedos reforçam esses

sentidos, e através da ideologia que por eles circula, de certa maneira, o mecanismo ideológico impede ou dificulta que as crianças façam suas próprias escolhas. Se uma menina vai à loja de brinquedos e quer, por exemplo, um foguete, certamente, encontrará tantas bonecas, carrinhos de bebê e mini-utilitários domésticos que, será praticamente impossível que saia da loja com o foguete, por diversos motivos, um dos quais, ousamos citar, a imposição do adulto sobre o que seja um brinquedo feminino, no caso.

À criança não é reservado o direito de escolher entre o todo. Se falamos de uma menina, ela deve, segundo os sentidos legitimados para ela, escolher entre os “brinquedos de menina” e, se é um menino, precisa escolher entre os “brinquedos de menino”. Mas que voz é essa que decide quais brinquedos pertencem a um ou outro gênero? E qual o real motivo que impede que as crianças possam escolher, independentemente, do gênero, entre todos os brinquedos da loja? Para nós, há uma construção sócio-histórica que condensa significações acerca dos brinquedos carregadas de ideologia, e trazem, em si, sentidos a serem reproduzidos. Mas por que não produzir sentidos diferentes, novos, plurais? O que faz com que, na contramão da corrente atual de mudança e transformação das sociedades ocidentais acerca dos papéis de gênero, os brinquedos ainda tragam em si sentidos que não instauram uma luta de vozes, que não colocam em disputa uma formação discursiva dominante que defende uma grande divisão entre meninos e meninas?

Dessa maneira, justifica-se a realização desta pesquisa, partindo da hipótese de que, se os brinquedos podem favorecer as singularidades das crianças e ampliar suas experiências de socialização, da maneira como lhes são apresentados, atualmente, eles apenas contribuem para a cristalização dos sentidos dominantes sobre os gêneros. *O professor, por sua vez, deve atuar sempre de maneira a não reproduzir esses discursos em sala de aula, e permitir a seus alunos a brincadeira e a vivência de novas experiências.* Mais ainda, a importância dessa investigação está, justamente, no fato de que, desde crianças, meninos e meninas tem suas brincadeiras já “pré-escolhidas”; conseqüentemente, são cerceados desde a infância, “treinados” desde cedo - *tanto em casa quanto na escola* - para atividades que exercerão em sua vida adulta futura. Sabemos que o mundo nos impõe diversos limites, mas o brincar deve ser, essencialmente, uma atividade lúdica, que contribua para a construção da autonomia e da identidade do sujeito.

2. Objetivos

2.1. Geral

O objetivo geral deste trabalho é investigar como os brinquedos e as brincadeiras infantis são discursivizados e como esses discursos afetam a constituição identitária das crianças - sempre pensando na identidade de gênero. Mais ainda, pretendemos investigar quais sentidos esses discursos fazem circular, por meio das propagandas voltadas ao público infantil, as quais, também, e com muita força, cumprem um papel importante ao discursivizar sentidos tomados como “previamente únicos” para cada gênero.

Dessa maneira, inicialmente, percebe-se que não se encontra uma “boneca para meninos”, tampouco um “caminhão para meninas”, e esse fato, já é, por si só, muito significativo. Partimos da hipótese que, mesmo depois de movimentos sociais transformadores em relação aos papéis de homens e mulheres, às meninas ainda são destinados os brinquedos que representam os cuidados com o lar e com a família; por outro lado, os meninos escolhem entre os brinquedos de aventura, esportes e profissões. É possível, então, que sejam esses mesmos brinquedos e brincadeiras que contribuam para que homens e mulheres, apesar de estarem vivendo determinada mudança de papéis, ocupem o mesmo lugar

social – desde há muitos anos. De acordo com Elkonin (1998), a brincadeira é o trabalho da criança e, nas mais diversas sociedades ela representa fielmente o trabalho dos adultos e contribui na formação do sujeito historicamente constituído. Em sociedades indígenas, por exemplo, é comum que crianças brinquem com flechas, simulando a caça. O mesmo acontece no modo como vivemos, atualmente, com os brinquedos espalhados nas prateleiras das lojas e permitidos para nossas crianças. Mas serão os brinquedos apenas uma representação do trabalho que os adultos exercem, ou serão instrumentos de conservação de sentidos dominantes?

2.2 Específicos

Este trabalho pretende investigar, primeiramente, quais sentidos os brinquedos fazem circular, tendo a questão dos papéis de gênero como norteadora. Através dos sentidos discursivizados sobre os brinquedos, a análise, então, será no sentido de identificar em que medida esses sentidos cercam as escolhas das crianças, fazendo com que a atividade de brincar seja, invariavelmente, uma imitação do trabalho dos adultos. As propagandas que promovem a comercialização desses brinquedos também terão seu espaço de investigação, pois, partindo das ideias básicas do marketing, criam ‘necessidades’ de consumo nas crianças, interpelando o sujeito-criança, como sujeito consumidor. Para isso, sabemos que são utilizadas as mais diversas táticas, sempre visando à identificação do consumidor com o produto e com os benefícios que este pode trazer. E quais os motivos que levam a essa identificação?

Com base nessas considerações, pretendemos, também, identificar até que ponto esses sentidos capturam as crianças, para que passem a reproduzi-los. Podemos pensar, se uma menina quer uma boneca, é porque quer representar a atividade da “mãe” – responsável pelos filhos –, mas o que a impede de, por exemplo, querer um caminhão, um monstro ou um pirata? Será que há a falta de identificação primeira com esses brinquedos ditos ‘para meninos’ a ponto de parecerem proibidos às meninas? Ou o mecanismo da ideologia faz parecer tão natural que a escolha seja sempre a mesma, para meninos e meninas que até as lojas já determinam quais são as prateleiras destinadas a cada gênero.

Então, podemos colocar como mais um dos objetivos deste trabalho, mostrar como os brinquedos podem, atualmente, também ser considerados - descontadas as devidas proporções - aparelhos ideológicos (de acordo com as ideias de Althusser), pois, aparentemente, funcionam de maneira a conservar sentidos cristalizados mesmo num contexto de possível mudança e parecem regular as relações sociais em favor dos sentidos dominantes. Conforme Pêcheux,

Os aparelhos ideológicos de Estado não são a expressão da dominação da ideologia dominante, isto é, da ideologia da classe dominante (...), mas sim que eles são seu lugar e meio de realização: é pela instalação dos aparelhos ideológicos de Estado, nos quais essa ideologia é realizada e se realiza, que ela se torna dominante (1997, p145).

Os discursos sobre os brinquedos estão carregados de ideologia e, segundo Althusser, “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” PÊCHEUX (1997, p. 148) e faz circular sentidos que podem ser de transformação ou conservação. A ideologia, então, pode funcionar como meio de indução do sujeito a aceitar determinados sentidos sem contestar, acreditando que esses sentidos jamais poderiam ser diferentes. Por outro lado, ao mesmo tempo que os aparelhos ideológicos se constituem como lugar da manifestação da ideologia dominante,

“constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 1997, p145).

Por outro lado, sabemos que já podemos observar algumas mudanças no que diz respeito aos sentidos produzidos/circulantes sobre os gêneros. Atualmente, as famílias já estruturam de maneiras diversas, fazendo com que as tarefas também sejam divididas de novas maneiras, de acordo com a situação. De acordo com Durham,

sociedades diversas concebem e combinam de forma variável o casamento, o parentesco, a residência e a vida doméstica, privilegiando arranjos diversos dos nossos. O fundamental para “desnaturalizar” a família é, portanto, entender que a relação que conhecemos entre grupo conjugal, família, parentesco e divisão sexual do trabalho pode ser dissociada, dando origem a instituições muito distintas (1983, p.16).

E é a divisão sexual do trabalho, ainda segundo Durham (1983) que diferencia o papel feminino do masculino nas famílias, fazendo com que, nas mais variadas sociedades, cada gênero tenha suas funções específicas determinadas.

Na mídia, inclusive, percebemos já esse movimento de deslizamento/ruptura de sentidos quando assistimos a um comercial mostrando o homem realizando alguma tarefa doméstica ou a mulher trabalhando fora de casa - o que é mais comum. Portanto, se partíssemos da hipótese que os brinquedos também estariam acompanhando essa mudança, poderíamos estar enganados, pois percebemos aí um movimento oposto: para os brinquedos, quase nada mudou. Sendo assim, com esse trabalho, pretendemos ainda identificar os motivos pelos quais, ainda que, o discurso da contemporaneidade sobre os gêneros venha, aos poucos, transformando-se, quais motivos sustentam a legitimação dos sentidos construídos sobre os brinquedos, os quais permanecem os mesmos, de há muitos anos.

3. Fundamentação teórica

Diante do proposto por este trabalho, buscamos ancorar nossa pesquisa em uma metodologia de análise discursiva que considera, principalmente, todo o contexto sócio-histórico-ideológico que cerca o discurso e sua produção, visto que, o próprio método de análise oferece instrumentos para a contextualização sócio-histórica dos discursos. Para tal, optamos pela Análise do Discurso (AD) de matriz francesa que, instituída por Michel Pêcheux em 1969, transformou os rumos dos estudos linguísticos e que incorpora três campos principais: a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. De acordo com Orlandi,

Com a linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente; ela tem sua ordem marcada por uma sua materialidade que lhe é própria. Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente. Finalmente com a psicanálise é o sujeito que se coloca como tendo sua opacidade: ele não é transparente, nem para si mesmo. São, pois, essas diferentes formas de materialidade – de não transparência – que vão constituir o cerne do conhecimento de cada um desses campos de saber. (2006, p.13)

Principal objeto de estudo da AD, o discurso, necessita do social para sua existência e, assim, constrói-se na exterioridade da língua e insere-se na história produzindo sentidos e construindo-a. Diante do referencial escolhido, acreditamos que será possível encontrar indícios que possibilitarão a contextualização dos sujeitos e dos sentidos que circulam, através dos discursos sobre os brinquedos, sobre masculino e feminino. Além disso, será possível

compreender o sujeito discursivo e a influência que o contexto e a ideologia exercem sobre ele. Sujeito e discurso se constroem mutuamente e o sujeito, nesse processo, faz uso da língua a partir do lugar social que ocupa. Assim, para nossa pesquisa, alguns conceitos serão mais importantes, são eles: sujeito, ideologia, formação discursiva, memória e interdiscurso.

O sujeito, para a AD, não é considerado um indivíduo com existência particular. De acordo com Pêcheux (1997), o sujeito do discurso só existe pela ideologia, e “só há ideologia pelos sujeitos e para os sujeitos” (p.149). Sendo assim, não é a pessoa em si, e sim, um sujeito inserido em um determinado contexto social e chamado à existência pela ideologia. O sujeito discursivo constitui-se em suas próprias formações ideológicas e ocupa um lugar social determinado. Não se trata, então, do sujeito empírico. Dessa forma, é importante ressaltar que, para a AD, o sujeito não é, essencialmente, masculino ou feminino, o sujeito, então “não é a presença física de organismos humanos individuais, mas a representação de lugares determinados na estrutura de uma formação social” (TFOUNI & ASSOLINI, s/d, p.2). O sujeito só existe em uma sociedade definida, e sua voz revela o espaço que ele ocupa já que expressa também as vozes constituintes desse mesmo lugar social. Os sujeitos constituem-se pela interação social, o “eu” e o “outro”, segundo Fernandes (2007, p. 43) “são inseparáveis”.

Diante dessa interação social, o sujeito, para a AD, é levado a, constantemente, interpretar tudo com o que tem contato e, nesse movimento, temos a impressão de que os sentidos sempre existiram, sempre estiveram lá e não poderiam ser diferentes. É este o processo de “evidência de sentido” que permite que possamos compreender o dizer do outro partindo de um ponto comum e no qual, segundo Pêcheux (1997) se constitui o sujeito. Entretanto, esse efeito nos leva a crer na transparência da linguagem e nos impede de percebermos a materialidade dos sentidos, ou seja, todo conteúdo histórico-ideológico que constitui o dizer. Toda a construção histórica é, então, apagada e os sentidos são neutralizados sem que percebamos. De acordo com Orlandi,

por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas (2005, p.46).

E isso nos interessa muito neste trabalho para podermos entender como os sentidos sobre masculino e feminino, tecidos, discursivizados nos/pelos brinquedos puderam ser produzidos e divulgados, mantendo-se circulantes ainda, atualmente, pois é a ideologia que permite que isso ocorra, “naturalmente”. A ilusão que se dá é a de que os sentidos que encontramos hoje sempre foram esses e não poderiam ser diferentes, o que, conforme a AD é totalmente questionável, pois em cada contexto/momento histórico os sentidos poderiam ser outros. Nossa investigação, dessa forma, é localizada no discurso, pois este, de acordo com Fernandes (2007), é exterior à língua, localiza-se no social entre a língua e a fala e é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia. A língua produz sentidos por e para os sujeitos, de acordo com Orlandi (2005), e, a ideologia atua, inevitavelmente, nesses sentidos sendo que estes e os próprios sujeitos são constantemente afetados pela língua e pela história. A ideologia, nesse movimento, é inerente ao discurso e nos leva a questionar, como Foucault (apud Fernandes, 2007, p.49), “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?”.

A ideologia, para a AD, apresenta-se como sendo a interpretação dos sentidos que se dá guiada pela relação existente entre a linguagem e a história. Como afirma Pêcheux (1997), a ideologia “recruta” os sujeitos entre os indivíduos – e recruta a todos - e faz com que o

sentido daquilo que ouvem e leem pareça evidente, óbvio. Assim, só é possível compreender quais sentidos são esses se antes compreendermos a ideologia que captura os sujeitos que os produzem. Orlandi escreve que “a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia” (2005, p.46). Tal ponto nos faz recorrer ao conceito de formação discursiva, proposto, inicialmente, por Foucault (2007), e desenvolvido por Pêcheux (1995).

A Formação Discursiva (FD) pode ser entendida como o conjunto de sentidos sócio-historicamente produzidos sobre determinado enunciado, e na qual o sujeito inscreve-se para que seu discurso faça sentido em determinado contexto. A formação discursiva, então, materializa as formações ideológicas que a integram, e apresenta, em seu interior, diferentes discursos – contextualizados em seu tempo e espaço – que serão chamados interdiscursos. Nas palavras de Fernandes (2007, p.48), a FD “é o entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos da história e de diferentes lugares sociais”. Isso permite, então, que o sujeito esteja inscrito em diversas formações discursivas e que se utilize deste mecanismo para significar a partir de diversos lugares sociais. O sentido não existe por si mesmo, mas é determinado pelo lugar sócio-histórico-ideológico ocupado pelos interlocutores e pode sofrer mudanças se esse lugar for outro. Diante disso, podemos dizer que, os sentidos sobre os brinquedos podem significar, diferentemente, de acordo com o sujeito que os interpreta e com as formações discursivas com as quais ele se identifica. De acordo com Orlandi (2005), os sentidos excluídos e silenciados “não puderam e não podem significar, de maneira que existem inúmeros outros sentidos possíveis que não se realizarão por se contarem com um “dizer possível”. Ainda de acordo com a autora, “ o que está fora da memória não está nem esquecido nem foi trabalhado, metaforizado, transferido. Está in-significado, de-significado” (p.66)

No que diz respeito ao nosso trabalho, podemos dizer que a formação discursiva é o que determina os sentidos permitidos sobre meninos e meninas - pensando na questão dos brinquedos – em cada contexto. Ou seja, se às meninas são destinados os brinquedos relacionados ao lar e à família, historicamente, isso só ocorreu graças às FDs dominantes em que estavam inscritos os sujeitos autorizados a produzir esses sentidos sobre o feminino. E o mesmo acontece com os meninos: se são levados a escolher os brinquedos de aventura, descoberta e esportes, isso se deve às FDs dominantes em que esses sentidos se inscrevem. E, esses sentidos apenas reproduzem as relações sociais que vivemos, estando inseridos em determinadas instituições (escola, igreja, família, entre outras). Concordamos com Tfouni (1994), no que concerne à complexidade das relações sociais (que podem também ser compreendidas como relações discursivas) produzidas pela escrita já que, estas, determinam quais papéis serão assumidos pelo sujeito. Entretanto, ainda segundo a mesma autora, esses papéis são também determinados pelas práticas sociais e discursivas, e entende-se como “lugares sociais” aqueles aos quais o acesso não se dá de maneira igual a todos. Acerca das formações discursivas, outro conceito importante para a AD é o interdiscurso. Um texto, na perspectiva do discurso, tem relação com outros textos anteriores ou possíveis. O interdiscurso, então, se constitui de todos os outros textos possíveis que podem se relacionar com o que é dito e, “é pelo funcionamento do interdiscurso que o sujeito não pode reconhecer sua subordinação-assujeitamento ao Outro, pois, pelo efeito de transparência, esse assujeitamento se apresenta sob a forma de autonomia. O Outro aí é o interdiscurso” (ORLANDI, 2006 p.). O interdiscurso pode ser entendido como o já-lá, os sentidos que já foram construídos e possibilitam que nossas palavras signifiquem, pois algo já foi dito antes, em outro lugar. É a exterioridade do discurso, e através dele se trabalha a noção de memória, conceito fundamental para a AD. A memória, segundo Orlandi (idem), é trabalhada pela

noção de interdiscurso, é o já dito, que constitui todo o dizer. Pela memória, então, é possível que o discurso tenha, em si, como parte constitutiva, diversos sentidos presentes, em cada contexto, em cada FD. Quando dizemos algo, por maior que seja nosso esforço de controlar os sentidos, a tarefa é impossível já que nosso interlocutor pode partir de outros diversos “já-ditos”.

É importante ressaltar, no entanto, que essas mesmas relações sociais que, hoje nos parecem imutáveis, nem sempre se deram dessa maneira. Se pensarmos, por exemplo, na era medieval a situação das crianças era muito diferente. De acordo com Ariès (1981), o sentimento de infância começava a surgir, mas, ainda assim, as crianças tinham papel muito diferente do conhecido hoje. A infância era um período curto, não havia denominação das idades e as crianças trabalhavam tanto quanto os adultos. Com a grande taxa de mortalidade infantil, as famílias não tinham certeza se os bebês sobreviveriam e, assim, até certa idade era como se não existissem. Após essa infância ‘frágil’, já começava a vida adulta. Esse fato, então, é só um, dos muitos exemplos de como os sentidos se transformam e, ao mesmo tempo, são apagados silenciados ou naturalizados sem que nos demos conta disso.

É isto, aliás, a ideologia para o analista de discurso: estando os sujeitos condenados a significar, a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas, daí resultando a impressão do sentido único e verdadeiro (ORLANDI, p.100, 1997).

Acreditamos ser esta “impressão do sentido único e verdadeiro” a que se refere Orlandi, que contribui para manutenção do imaginário sobre homem, mulher e seus espaços; apenas desta forma é possível que os sentidos circulantes sobre o masculino e o feminino e a censura sobre determinados discursos, mantenham-se por tanto tempo, sob o sustentáculo da ideologia dominante. Mais ainda, pensando na relação da criança com o brinquedo, temos que, de acordo com Vigotsky (1984), quando vive uma situação imaginária – como nos jogos e brincadeiras - a criança se comporta de maneira mais avançada do que nas atividades da vida real, e apresenta maior capacidade de subordinação às regras. Então, durante sua interação com o brinquedo, a criança vivencia situações que ela mesma cria e que, frequentemente, representam (ou reproduzem) as mais diversas atividades adultas. A maneira como os brinquedos são apresentados às crianças no contexto atual, pode estar influenciando diretamente na maneira como as crianças se colocam na atividade lúdica, o que, futuramente pode vir a ser sua função na sociedade. Para Elkonin (1998 p.40), “o jogo apresenta-se como uma atividade que responde à demanda da sociedade em que vivem as crianças e da qual devem chegar a ser membros ativos”. Ainda de acordo com o mesmo autor, historicamente, já houve uma divisão dos brinquedos já que as meninas brincavam representando as atividades da mãe enquanto os meninos representavam as atividades do pai. Dessa maneira, para Elkonin (1998) as bonecas foram consideradas “agentes protetores” da fertilidade feminina, da costura, da maternidade. Já os meninos procuravam as armas e os brinquedos que representassem utensílios usados na caça, no cuidado com o gado e com a plantação.

A ideia de separação sexual do trabalho, como já comentada, legitima o papel de cada gênero, nas mais diversas sociedades, de acordo com Durham (1983), que também aponta:

A separação das atividades entre sexos cria, para cada um, uma área de autonomia e independência, tanto maior, inclusive, quanto maior é a rigidez dessa separação. Em segundo lugar, como essa divisão de tarefas é em grande parte “arbitrária”, ela pode produzir concepções completamente diversas sobre o papel e a posição da mulher na sociedade (Durham, 1983, p.19).

Portanto, percebe-se que, assim como a diferenciação sexual do trabalho determina o que é permitido a cada sexo, o brinquedo, como instrumento de aquisição da cultura para a criança, apresenta, desde seu surgimento, alguma diferenciação entre quais serão usados por meninos e quais serão usados por meninas; o que notamos ainda atualmente.

4. Metodologia

O objetivo desse trabalho é interpretar quais sentidos são construídos para os brinquedos infantis, atualmente, e como esses sentidos influenciam – ou podem influenciar – a construção identitária de meninos e meninas e seus papéis sociais.

Para as análises que faremos em nosso trabalho, serão usadas imagens, textos, brinquedos, propagandas e entrevistas semi-estruturadas com crianças. Se o projeto for aprovado, ele será submetido ao Comitê de Ética, da FFCLRP/USP. Esse material representa, assim, discursos inscritos em diversas FDs e, esses discursos, fazem circular determinadas formações ideológicas. Nossa referência bibliográfica está apoiada nas contribuições teóricas de vários autores e, partindo dessa base, realizaremos nossas análises.

Os textos, as imagens, os brinquedos nos permitirão analisar se os brinquedos – e o modo como são comercializados (marketing) – são ferramentas importantes para a manutenção dos sentidos ditos sobre cada gênero. Os discursos sobre os brinquedos, assim, são carregados de ideologia e o mercado voltado às crianças é cada vez mais explorado. Claramente, as crianças são um dos mais lucrativos nichos de consumo e os comerciais de televisão são cada vez mais agressivos e específicos para atingir esse público, utilizando-se de estratégias que fazem circular valores familiares e papéis sociais que poderiam já ter sido superados.

Ao mesmo tempo, ao assistirmos aos comerciais de televisão voltados para o público infantil, não é difícil notar que os brinquedos possuem uma clara diferenciação de gênero. Sabemos que, hoje, o público infantil é alvo principal do marketing e que há, inclusive, produtos – e não estamos falando só de brinquedos – pensados exclusivamente para crianças como, salgadinhos, produtos de higiene pessoal, mobiliário, eletrônicos, entre outros. Até mesmo o marketing de produtos de público adulto, recorre com frequência ao apelo infantil em seus vídeos para a TV, consciente de que uma grande parcela das decisões familiares parte justamente das crianças.

Além desses dados, analisaremos as entrevistas. Os sujeitos de nossa pesquisa serão vinte crianças de 8 a 10 anos, dez meninos e dez meninas, que responderão à entrevista semi-estruturada (ver anexo), apresentada, previamente, ao Comitê de Ética desta Faculdade. Essas entrevistas serão extremamente importantes para nossa análise, pois, com elas poderemos identificar como esses sujeitos discursivizam sobre si mesmos, como escolhem seus brinquedos e qual significado atribuem ao brinquedo. Pretendemos identificar como a ideologia captura esses sujeitos e quais sentidos produzem. Se, como marcado, anteriormente, os sentidos sobre o masculino e feminino vêm realmente se transformando, é possível que isso se materialize no discurso das crianças.

5. Análises

De acordo com Orlandi (2006), o texto é elemento privilegiado por estar presente nas mais variadas áreas do conhecimento. Portanto, “a vocação da linguagem é ser texto (idem, p.9). Para o analista de discurso o texto é unidade de análise, de sentido. Assim, o sujeito e suas condições de produção são, para nós, questões fundamentais.

As análises, dessa forma, consideram o texto em funcionamento – discurso – e sua materialidade. Com elas, buscamos identificar as condições de produção do discurso, nosso objeto de análise. Temos como interesse, então, compreender o funcionamento do discurso, que, segundo Orlandi (2006) pode ser generalizado para outros conjuntos de materiais, outros textos.

O objeto discursivo corresponde ao material analisado, mas já resulta de um passo de análise. Nele já começamos a pressentir o desenho das formações discursivas que presidem a organização do material. Em um segundo passo da análise agora o analista trabalha sobre o objeto discursivo procurando determinar que relação este estabelece com as formações ideológicas. Chegamos assim ao processo discursivo. Passamos, pois, do material bruto da análise ao objeto discursivo e deste ao processo discursivo (ORLANDI, 2006, p.17).

Sendo assim, em seguida, nosso foco neste trabalho é compreender e analisar o que os sujeitos discursivizam sobre os brinquedos. Mais ainda, para nós é também importante, além do que foi dito, o não-dito, ou seja, tudo aquilo que o sujeito silenciou ao dizer X e não Y. De acordo com Pêcheux (1997), o sentido das palavras não é transparente, literal, mas sim, depende das formações ideológicas de quem as interpreta, e assim, poderia sempre ser outros – ou outros.

Entendemos que, a compreensão das condições de produção do discurso, bem como as formações discursivas e ideológicas que o integram é fundamental para analisarmos o funcionamento discursivo. Se os significantes funcionam e fazem sentido de acordo com uma formação discursiva específica, ao interpretar as formações ideológicas subjacentes podemos identificar quais sentidos os sujeitos discursivizam: se rompem o que estava previamente determinado ou se fazem deslizar sentidos a fim de produzir e fazer circular novos. Como afirma Orlandi (2006) “os sentidos e os sujeitos poderiam ser sujeitos ou sentidos quaisquer, mas não são. Entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso. A determinação não é uma fatalidade mecânica, ela é histórica” (2006, p.20). O trabalho do analista é, então, mostrar como os processos de significação trabalham em qualquer texto.

6. Cronograma de execução do projeto

2º semestre de 2011 – revisão bibliográfica; matrícula nas disciplinas; início da constituição do corpus.

1º semestre de 2012 – revisão bibliográfica; matrícula nas disciplinas; participação em eventos científicos e fechamento da constituição do corpus.

2º semestre de 2012 – revisão bibliográfica; matrícula nas disciplinas; participação em eventos científicos; início da análise dos dados.

1º semestre de 2013

- Fevereiro – exame de qualificação.

- Março, abril e maio – término da análise dos dados e redação final da dissertação.

- Julho – defesa.

7. Bibliografia

- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- DURHAM, E.R. et al. *Perspectivas antropológicas da mulher 3*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- FERNANDES, C. A. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2 ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.
- ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 6 ed., 2005.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio – no movimento dos sentidos*. 4ª ed., Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- ORLANDI, Eni P. & LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (orgs). *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas, Pontes, 2006.
- PACÍFICO, S.M.R.; ROMÃO, S.M.R. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino. Revista *EM QUESTÃO*. Porto Alegre, v.12, n.1, jan./jun. 2006, 73-90.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- PEREIRA, M.C.; PACÍFICO, S.M.R.; ROMÃO, L.M.S. Os sentidos produzidos sobre a mulher, discurso e silêncio. Revista *Espéculo*, Universidade Complutense de Madrid, n.42, jul-out 2009, ano XIV, Espanha.
- TFOUNI, L. V. *A escrita: remédio ou veneno?* In. PRADO, E.C.; AZEVEDO, M.A. MARQUES, M.L. (org). *Alfabetização hoje*. São Paulo: Cortez, 1994.
- TFOUNI, L.V. & ASSOLINI, F.E. *O discurso Pedagógico Escolar enquanto prática discursiva autoritária*. Trabalho não publicado.
- VIGOSTKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ANEXO

ENTREVISTA

Sujeito:

() Menina

() Menino

- 1- Você escolhe seus brinquedos?
- 2- Quando você vai a uma loja de brinquedos, você olha todas as prateleiras ou vai direto à prateleira destinada a meninos ou meninas?
- 3- De que brincadeiras você mais gosta?
- 4- Seus pais ou alguma outra pessoa ajudam você a escolher seus brinquedos? Eles dizem qual você deve comprar?
- 5- O que você acha se um menino quiser brincar de casinha ou com boneca e uma menina quiser brincar de carrinho ou com super-heróis ?
- 6- O que você sente quando está brincando?
- 7- O que o brinquedo significa para você?
- 8- Você gosta das propagandas sobre brinquedos? Elas influenciam sua compra ou você compra aquele brinquedo de que gosta, que tem vontade de ter?
- 9- Você considera as propagandas de brinquedos verdadeiras ou mentirosas? Por quê?
- 10- Você acha que existem brinquedos e brincadeiras só para meninos e outros só para meninas? Por quê?